

## AS RAIZES AFETIVAS DAS RELAÇÕES CULTURAIS COM PORTUGAL

**ANTÓNIO JÁCOMO**

Doctor en Filosofía  
Profesor Adjunto / Investigador  
Instituto de Bioética  
Universidade Católica Portuguesa  
Porto / Portugal  
abferreira@porto.ucp.pt

Recibido: 15/07/2013  
Aceptado: 16/09/2013

*Resumo:* A propósito do desafio para apresentação uma reflexão sobre o pensamento do Professor António Pintor-Ramos, este artigo pretende saber onde se encontra a raiz das suas concepções sobre as relações ibéricas. Estas raízes têm duas explicações:

1. A sua relação afectiva com Galicia tornou possível uma visão contextualizada das relações entre Portugal e Espanha. Este elemento biográfico tem um interesse profundo no contexto geral das relações da raia ibérica. Com o professor António Pintor-Ramos, sentimos que Portugal e a Galiza estão não ligados apenas por factores culturais, geopolíticos e económicos. A relação é mais *afectiva* que *efetiva*.

2. O seu profundo conhecimento do pensamento filosófico, salienta a importância do esquema zubiriano. Ao ler "*Realidad y verdad. Las bases de la filosofía de Zubiri*", encontramos o motivo do "pensentimento", no qual se ultrapassa o iberismo de características irracionais ou suspeitado numa geografia similar.

*Palavras chave:* Zuriri, Espanha, Galicia, Iberismo, pensentimiento, Portugal.

### THE AFFECTIVE CULTURAL ROOTS OF PORTUGAL RELATIONSHIP

*Abstract:* This article resulted from challenge to present a reflection on the thinking of Professor António Pintor-Ramos. The main purpose is to know where are the roots of his conception of the Iberian relations. These roots have two explanations:

1. Professor António Pintor-Ramos affective relationships with Galicia have made possible a new vision of relations between Spain and Portugal. This biographical element has a significant interest on the context of relations between the Iberian borders. With Professor Anthony Painter-Ramos, we notice that Portugal and Galicia are not linked by a cultural, geopolitical and economic relation. The relationship is more affective than effective.

2. Professor Pintor-Ramos knowledge of the philosophical thought, stresses the importance of the zubirian philosophy. Reading “*Realidad y verdad. Las bases de la filosofía de Zubiri*” we find the reason for the “pensentimiento”, in which he goes beyond the irrational Iberianism suspected in a similar geography.

*Keywords:* Zubiri, Galicia, Iberism, pensentimiento, Portugal, Spain.

#### LAS RAÍCES AFECTIVAS DE LAS RELACIONES CON PORTUGAL

*Resumen:* El objetivo principal de este artículo es saber dónde están las raíces de la concepción de las relaciones ibéricas del profesor Antonio Pintor-Ramos. Estas raíces tienen dos explicaciones:

1. La relación afectiva del Profesor António Pintor-Ramos con Galicia hizo posible una nueva visión de las relaciones entre España y Portugal. Este elemento biográfico tiene un interés significativo en el contexto general de las relaciones entre la raya ibérica. Con el profesor António Pintor-Ramos, pudimos notar que Portugal y Galicia no están vinculados solo por una relación cultural, geopolítica y económica. La relación es más afectiva que efectiva.

2. El conocimiento de la filosofía del Profesor Pintor-Ramos, subraya la importancia de la filosofía zubiriana en este contexto. La lectura de *Realidad y verdad. Las bases de la filosofía de Zubiri*, justifica la importancia del “pensentimiento”, que posibilita una visión más allá del iberismo irracional sospechado en una geografía similar.

*Palabras clave:* Zubiri, España, Galicia, Iberismo, pensentimiento, Portugal.

El iberismo tiene ya una historia de la que esta obra ofrece abundantes informaciones. Pero, si ninguna historia es por definición normativa, la del iberismo tampoco es una guía siempre eficaz por los puntos oscuros e incluso por el carácter periférico dentro de su propia cultura, nada favorecido por el hecho de haber servido frecuentemente de vehículo para intereses políticos muy limitados<sup>1</sup>.

O dilema atual do relacionamento peninsular reside no facto de estarmos afastados, mais do que quando éramos as grandes potências mundiais dos séculos XVI e XVII.

A dificuldade do nosso relacionamento pode ser explicada por um conjunto de razões de carácter geoestratégico e histórico, que impediram que Portugal tivesse uma concepção global do nosso vizinho mais chegado. A Península sempre

1 António PINTOR-RAMOS, “Prólogo”, en: António JÁCOMO, *O Édipo Iberista. Teoria assimptótica do iberismo filosófico. Um paradigma da especificidade filosófica da Península Ibérica*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

foi ‘penínsulas’ que se expressavam de maneira distinta, quer nas suas contendas internas, quer nas suas relações diferentes com a Europa e com o mundo.

Portugal e Espanha têm vivido destinos extremamente análogos, por vezes equidistantes, mas sempre como dois protagonistas de películas diferentes. Durante séculos, Portugal nunca teve a necessidade urgente de se voltar para Espanha ou, de uma forma mais geral, para a Europa. O seu espaço não era o espaço peninsular. Tinha fugido para outras paragens como o Brasil e África.

Embora conscientes do ancestral relacionamento enigmático de amor e ódio, a questão central é que o contacto de Portugal e de Espanha com o resto Europa não pode ser feito sem ter em conta o país vizinho. É verdade que não existe neste momento nenhum motivo para “acordar o fantasma iberista” do século XIX. Portugal é um espaço cultural sem diferenças que se opõe ao fantasioso “todo ibérico” composto por desavenças de significação diversa.

Foi neste contexto que conhecemos o professor António Pintor-Ramos. Recordamos hoje com emoção o peculiar contacto no dia em que lhe pedimos para que orientasse a tese de doutoramento sobre as relações do pensamento filosófico entre Portugal e Espanha. A sua primeira reação foi a de total disponibilidade, acompanhada de algumas considerações sobre a dificuldade de abordar um tema ainda não desbravado e com algumas questões por resolver. Este primeiro encontro foi importante para desfazer um certo otimismo irrefletido sobre um fenómeno cultural que para nós era evidente.

Apesar destas considerações, o professor António Pintor-Ramos procurou, ao longo de quase três anos, conduzir a investigação levando-a a uma sistematização problematizante em vez de uma manifestação apodítica do Iberismo<sup>2</sup>.

Passados tantos anos, e a propósito do desafio lançado pelos *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*, quisemos saber onde se encontrava a raiz das suas concepções sobre as relações ibéricas. Encontramos duas explicações simples: 1. as suas origens Galegas e 2. o profundo conhecimento da filosofia Zubirina.

1. Especulando um pouco sobre as suas raízes Galegas, recordamos algumas conversas sobre a sua terra natal e o carinho que por ela nutre

Acreditamos que tenha sido precisamente esta relação afectiva que tornou possível uma visão contextualizada das relações entre Portugal e Espanha. Só alguém com esta visão seria capaz de dar à tese de doutoramento um pendore académico com alguma credibilidade.

2 Pelo que acabamos de dizer, o título dado a este artigo pretende ser uma versão polémica das raízes das relações do professor António Pintor-Ramos com Portugal.

Contudo, este elemento biográfico tem um interesse mais profundo quando conectado com o contexto geral das relações da raia ibérica. Com o professor António Pintor-Ramos, sentimos que Portugal e a Galiza estão não ligados apenas por factores culturais, geopolíticos e económicos. A relação é mais *afectiva* que *efetiva*.

Como bem refere Xavier Vilhar Trilho, os Galegos e os portugueses fazem parte da mesma nação cultural, até ao ponto de que um estudioso do facto nacional na Europa ocidental, como o italiano Salvi, autor de “Le nazioni proibite”, estima que a Galiza é uma das “false nazioni” da Europa. Para Salvi, Galiza é uma falsa nação, porque não é uma das que ele chama nazioni proibite, quer dizer, não é daquelas nações que não conseguiram constituir o próprio Estado nacional sobre alguma parte do seu território, pois a nação galego-portuguesa, na sua prolongação portuguesa, sim conseguiu dar-se um Estado, embora parte do seu território. No entanto, o Norte do país tem investido e tornado efetiva a ligação entre os dois territórios, nomeadamente através de colaborações conjuntas nas áreas cultural e científica<sup>3</sup>.

O professor António Pintor-Ramos, não alinhando com tentativas de “parouquialização” cultural no qual o ideal iberista muitas vezes se transformou ao longo da história e que constrói mais guetos que pontes, deixou transparecer o seu “amor a Galícia” e, por osmose, a Portugal.

2. Como argumentávamos no início, não foram apenas questões afectivas que fizeram do Professor Pintor-Ramos um aliado seguro na empreitada da elaboração de uma tese sobre o Iberismo: a sua formação filosófica foi essencial no momento de contextualizar posturas e intuições da investigação

Dentro de todo o seu profundo conhecimento do pensamento filosófico<sup>4</sup>, salientamos a importância do esquema zubiriano. Ao ler um dos seus livros mais conhecidos “*Realidad y verdad. Las bases de la filosofía de Zubiri*”, encontramos o motivo do “pensentimento”, no qual se ultrapassa um iberismo irracional ou suspeitado numa geografia similar.

Pela mão do professor Pintor-Ramos chegámos a um iberismo explicado pela peculiar explicação Zubiriana da relação entre a realidade e a verdade. Embora conectado com o fenómeno gnosiológico, a sua reflexão remete para o carácter fundante da realidade enquanto suposto da própria verdade.

3 Cf. Xavier VILHAR TRILHO, *A remodelação “federal-confederal” do Reino da Espanha*, Santiago de Compostela, Editorial Laiovento, 2001.

4 Antonio, PINTOS RAMOS, *Historia de la Filosofía Contemporanea*, Madrid, B.A.C., 2002.

Em determinada altura da elaboração da tese era necessária um esquema mental que cimentasse a construção da abordagem “desapaixonada” do Iberismo. No pensamento de Zubiri, a verdade não é uma construção meramente racional mas fundase na própria realidade. “Nas tradições filosóficas dominantes, com efeito, não parece que o termo ‘realidade’ possa entenderse como a determinação originária das coisas e ainda menos como a (determinação) fundamental. Realidade – escreve Heidegger – vem de *realitas*; *realis* significa algo que pertence à ‘res’. Está na própria coisa. Real é aquilo que pertence à coisa, aquilo em que consiste a quiddidade de uma coisa, por exemplo de uma casa, de uma árvore; aquilo que pertence à essência da coisa, à sua essência (...) Neste sentido, a ‘realidade’ não é intelectiva nem onticamente o que está em primeiro lugar, até ao ponto de alguns importantes filósofos contemporâneos –como Dilthey ou Scheler– pensarem que a atribuição de realidade (*Wirklichkeit*) a algumas coisas é o resultado de algum ato especificamente intelectual. A originalidade corresponde ao ser ‘o mais universal dos conceitos’ (...). A realidade pertence àquele grupo de entes que têm aptitude para existir por si mesmos, que se caracterizam por aquilo que Zubiri denomina ‘extraanimidad’”<sup>5</sup>.

A descoberta da “inteligência sentente (ou sentida)” possibilitou mais um ponto de ligação ao lado cultural português: *Vergílio Ferreira*. O autor da “*Manhã submersa*”, interpreta esta relação através dos conceitos de realidades *centrípetas* e *centrífugas*. Uma verdade, para Vergílio Ferreira, é sempre uma *verdade sentida*. “Uma verdade só o é quando *sentida* –não quando apenas *entendida*. Ficamos gratos a quem nola demonstra para nos justificarmos como humanos perante os outros homens e entre eles nós mesmos. Mas a força dessa verdade está na força irrecusável com que nos afirmamos quem somos antes de sabermos porquê. Assim nos é necessário estabelecer a diferença entre o que em nós é *centrífugo* e o que apenas é *centrípeto*. Nós somos centrífugamente pela irrupção inexorável de nós com tudo o que é reconhecido ou não –e de que serve reconhecê-lo ou não?– Como centrípetamente provindo de fora, se nos recriou dentro no modo absoluto e original de se ser. Só assim entenderemos que da «discussão» quase nunca nasce a «luz», porque a luz que nasce é normalmente a de duas pedras que se chocam. Da discussão não nasce a luz, porque a luz a nascer seria a que iluminasse a obscuridade de nós, a profundidade das nossas sombras profundas. Decerto uma ideia que nos semeiem pode germinar e por isso é necessário que nolas semeiem. Mas a sua fertilidade não está na nossa mão ou na estrita qualidade da ideia semeada, porque o que somos profundamente só se altera quando isso que somos o quer –e não quando nós o deliberamos. Assim

5 Antonio PINTOS RAMOS, *Realidad y verdad. Las bases de la filosofía de Zubiri*, Salamanca, Ediciones UPSA, 1994, p. 59.

nasce um desencontro quantas vezes entre a mecânica dos nossos raciocínios e a verdade que em nós já é morta. No hábito dos gestos, as mãos tecem ainda na exterioridade de nós a plausibilidade do que em nós já não é plausível. Então nos é necessário substituírmos toda a aparelhagem de que nos serviríamos e já não serve. Surpresos olhámos quem fomos porque já nos não reconhecemos. Atónitos perguntámos como foi possível? Quando, onde, porquê? Ao espanto da nossa transfiguração, ao incrível da cilada que nós próprios nos armámos, mesmo quando foi a vida que a armou; porque tudo quanto é da vida, e dos outros, e dos mil acontecimentos que quisermos, só existe eficaz e real quando abre em evidência na profundidade de nós. Como aceitar assim a força da razão, se a força dela está onde ela não está?”<sup>6</sup>.

É um facto que a filosofia tem estabelecido uma distinção entre a prática filosófica e o exercício da vida quotidiana, como se neste não se operasse a racionalidade, e onde, por consequência não se poderia buscar a verdade. Esta atitude está vinculada a certas tendências “entrópicas” que dificilmente se compaginam com as características dinâmicas da filosofia. Apesar disso, é no mundo do quotidiano que o filósofo vive, verificandose entre o filósofo e o mundo uma cumplicidade irreversível. Cair na tentação de uma “hermenêutica redonda”, não passa de uma utopia. Se a filosofia tem por missão a verdade, na englobância do horizonte filosófico não pode estar arredado o mundo do quotidiano.

No poderemos terminar este pequeno testemunho sem falar das relações efetivas com Portugal. É evidente que, quer as suas raízes galegas, quer a sua atividade académica na Universidade Pontifícia de Salamanca, possibilitaram um contacto diário com jovens e adultos portugueses que frequentaram as suas aulas e sessões.

Contudo, para além deste contacto, tivemos o cuidado de procurar referências e contributos do professor António Pintor Ramos no mundo académico português. Ainda que bem conhecido entre os pensadores portugueses, especialmente na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa e na Universidade de Lisboa e na Universidade de Évora, descobrimos poucas referências bibliográficas do professor editadas em Portugal. Apesar de poucos, são significativos, na medida em que se enquadram perfeitamente em um dos temas centrais da preocupação filosófica debatida em Portugal. No artigo “El canon kantiano de la razón y la creencia”, editado na Revista portuguesa de Filosofía”, 61 (2005) 483-500. O tema central deste artigo é o lugar e o alcance do “teísmo moral” de Kant. A “teologia moral” de Kant aparece, assim, como um passo intermédio entre uma teologia metafísica e uma filosofia da religião, ainda

6 Vergílio FERREIRA, *Invocação ao Meu Corpo*. Lisboa, Bertrand Editora, 1984<sup>4</sup>, p. 55.

não consolidada. O ideário deste seu ensaio, ainda que talvez sub-repticiamente, recorda toda uma tradição do pensamento português sobre as inquietações metafísicas da religião, bem exemplificadas no pensamento de Oliveira Martins, Antero de Quental ou Sampaio Bruno. O mérito deste artigo é o de abrir o sistema crítico de Kant à exploração de novos caminhos para o pensamento.

Uma outra contribuição do professor António Pintor Ramos, encontramos na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa em 2006. Trata-se de um ciclo de conferencias subordinadas ao tema do pensamento Zubiriano e ao seu contexto. Esta colaboração inseriu-se no Seminário Internacional de Cultura Luso-Espanhola. Este Seminário internacional teve como objectivo reunir especialistas internacionais das culturas portuguesa e espanhola, proporcionando, no dizer dos seus organizadores, um espaço público de divulgação de temas culturais ibéricos, do pensamento filosófico e da literatura à religião, à arte e à ciência. Inserindo-se no contexto do Seminário, o professor Pintor Ramos, não se limitou a explicar o pensamento filosófico de Zubiri, mas procurou contextualizá-lo no diálogo intercultural e multicultural, procurando contribuir para uma visão da unidade e da diferença dos povos peninsulares a partir da reflexão especializada sobre a sua cultura e sobre as culturas que nesta tiveram origem, nomeadamente as do universo hispano-americano e luso-brasileiro.

Para terminar, duas notas:

1. A pesquisa sobre as incursões do professor Pintor-Ramos em Portugal, fazem pensar sobre o muito que ainda falta fazer nas relações culturais ibéricas. Continuamos ainda de costas voltadas e sem muitos elos de contacto, o que é uma pena na medida em que em tempos de dificuldades económicas, muito ganharíamos com a proximidade geográfica e linguística. Continuamos a ser uns para os outros “o outro lado da luz”, como bem caracteriza as nossas relações Eduardo Lourenço.

2. Reconhecemos que muito ficou por dizer e que talvez nem fosse este o mote com que iniciámos este texto. Contudo, o nosso desejo não era dizer tudo, mas dizer o essencial da nossa relação de amizade e de reverência intelectual deste professor que para além de filosofia nos educou a mão e o pensamento. Obrigado professor.